


Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes
Fundador: Padre Américo
Director: Padre Luiz

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA



«A Criança tem um grande sentido de justiça.» Daí o sorriso do «Perna Longa»!

«A Criança tem um grande sentido de justiça e compreende; e é justamente por isso que a maior força de desmoralização entre elas é a injustiça com que as tratam.»

COMEMOROU-SE no passado dia 1 o Dia Mundial da Criança. Vem, pois, a efeméride aparentemente atrasada nas colunas de «O GAIATO». De qualquer maneira não queremos deixar de assinalar o facto, ainda que seja Ela o centro das nossas preocupações dominantes de todos os dias e horas e não apenas um fugaz motivo de registo anual.

Se «todos nos educamos a todos, mediante a sociedade», conforme afirmou o senhor Bispo do Porto, ao tratar **ex-professo** dos deveres das Comunicações Sociais e dos homens em geral para com as Crianças, é evidente que se não reinar a Justiça, a Criança será defraudada nos seus basilares direitos e crescerá em clima de privação das mais elementares necessidades físicas, anímicas e espirituais, frustrando-se-lhe, à partida, todas as potencialidades de afirmação. Assim, uma sociedade onde se faz acepção de pessoas pelas mais variadas razões e onde as desigualdades e as condições infra-humanas estão bem patentes; uma sociedade em que as famílias ou os educadores não se preparam ou não querem saber dos mais elementares princípios morais; um mundo frio e egoísta, em que as ditaduras do lucro ou outras imperam, não olhando aos meios para atingir os seus fins, aliás, nem sempre lícitos; uma sociedade que só oferece quadros de violência, de erotismo, de vício e de corrupção, nunca poderá educar e antes será um «caldo de cultura» de «desmoralização»; não podendo «considerar-se sã: é ao contrário um meio malsão, quer para se viver quer para se educar». Em contrapartida, como disse ainda o Senhor Bispo do Porto, a propósito dos deveres para com os direitos da Criança: «um meio em que a Criança se possa desenvolver em condições de saúde somática, psíquica e moral é exactamente aquele mesmo meio em que o homem e a mulher adultos, sãos e normais, podem caminhar de cara levantada e olhando-se, olhos nos olhos, sem vergonha da sua condição de seres racionais e morais».

Não basta, pois, apregoar os Direitos da Criança. É preciso,

Cont. na TERCEIRA pág.

Aqui, Lisboa!

São cerca das 11 horas da manhã deste dia 30 de Maio, Dia Mundial da Criança — Dia Comemorativo dos Meios de Comunicação Social, dia da nossa Festa no Monumental.

Neste momento os nossos Amigos de Lisboa e arredores chegam ao Monumental. Imagino a azáfama daquele movimento de pessoas que ao verem-se — a maioria pela primeira vez — se cumprimentam com sorrisos e acenos como velhos amigos que se voltam a encontrar após longa ausência. Há abraços por todos os lados e, no centro das atenções, os nossos Rapazes, mormente os «Batatinhas», a receberem beijos e carinhos. Ambiente alegre e são, de almas alegres e sãs num encontro de amizade.

Este foi por nós começado ontem, sábado, na Eucaristia antecipada, onde foi tema da Liturgia da Palavra. Foi na comunhão com Cristo, em Cristo e por Cristo na Sua humanidade, em que nós todos somos, existimos e vivemos; e na Sua Divindade, que temos de partilhar passada que seja esta nossa existência terrena para a parte que temos na unidade dos santos no seio da Trindade. Porque assim cremos e vivemos é que me sinto com todos no Monumental, embora esteja aqui sozinho e com uma doente nesta nossa Casa,

como que adormecida pela ausência dos nossos lá na Festa. Eu fique!, não sem custo, mas não com dor. É que este acidente vai proporcionar mais uma vez para os nossos Amigos testarem a capacidade responsável e social dos nossos Rapazes. Fora os «Batatinhas», que foram acompanhados pela Avo, todos os outros foram entregues a si mesmos. Eles vos dirão quem são, o que fazem e o que querem. Serão testemunho vivo do que pode uma Família como a nossa sem muros ou portas fechadas, vigilantes ou técnicos administrativos ou comissões. São eles e só eles tal qual, sem artificios ou manipulações; sem guias ou animadores; sem ideias feitas ou a impor. São eles mesmos nas suas almas belas e simples que nasceram para serem amados e para amar em profundidade total do seu ser sem egoísmos ou sevícias e que acreditam na força construtiva do Amor e nessa força está a construção do novo mundo que eles querem viver em harmonia, paz e alegria comungada com todos, como neste momento está a ser vivido em plenitude no Monumental.

P. S. — Chegaram às 14 horas. Que Festa! Que alegria! Que amizade! Disseram-me:

Cont. na QUARTA pág.

LOURENÇO MARQUES

À medida que vamos recebendo notícias dos que lá deixámos, agudizá-se a nossa tristeza e angústia, sem mais que ao prever apenas o acontecido. A degradação moral dos agora responsáveis, a mobilização dos seus interesses pessoais, tem causado não apenas graves perturbações de comportamento em alguns dos Rapazes, mas ainda o abandono de hábitos de trabalho e vida sã e na prática vivem abandonados.

A impreparação pedagógica e moral neste como noutros sectores é notória. O próprio Presidente, à maneira de desculpa, já se queixou da falta de quadros. Compreende-se que, num dia daqueles quatro meses após a nacionalização, em que pude continuar a ser padre e pai dos

Rapazes, perguntando ao responsável da Comissão Liquidatária quando me mandavam embora, ele me respondeu: «O padre José Maria não vai; nós precisamos de si». Era este homem responsável de uma comunidade protestante, antigo professor de Liceu, pessoa bem formada e intencionada. Se bem que não levasse em menos seriedade o contacto com os outros elementos não passava de mera formalidade.

Todos os meses lhes prestei contas, além de lhes levar os cheques para visarem, sem nunca lhes pedir o que fosse para qualquer despesa. Inclusivamente deixei de receber o subsídio mensal da Assistência, que no ano de setenta e três duplicou para seis contos; e o mestre

carpinteiro pago pelo Instituto de Trabalho, passou a ser pago por nós. Esse dinheiro ia para as mãos deles. Sobrevivemos providencialmente, dado que muitos dos nossos Amigos tinham já saído de Moçambique, alguns com o espírito tão perturbado que preferiram queimar o seu dinheiro a deixá-lo, para benefício de quem também sofria. Se nalgum momento tivemos apreensões, foi porque o nosso pessoal trabalhador fez a sua reacção e criou dificuldades, a pouco e pouco sanadas nas reuniões semanais de esclarecimento. Embora a vontade de trabalhar fosse pouca, era aliás o mesmo por toda a parte, nenhuma razão de queixa temos, pois souberam com-

Cont. na QUARTA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

PORQUÊ?... — Esteve aqui pouco tempo. Com um cancro. Devido a uma trombose, ficou com a voz bastante afectada. Há pessoas que nos dizem, a sério ou a rir, que temos que saber muitas línguas para percebermos o que tantos querem dizer!... Neste caso, embora fosse difícil, nós percebemos estar na presença de pessoa traumatizada, física e moralmente. Socialmente ficamos perplexos. E isto porque em algumas palavras ficamos na dúvida se o que pretendia dar a entender era verdade. Havia problemas com familiares ou pessoas relacionados... O certo é que aqui veio parar! Ora sucede que as pessoas de quem não elogiava mesmo nada o vieram buscar. Primeiro houve conversa... E, depois, foi-se. Haveria mesmo necessidade de ver? Haveria problemas graves, como ele pretendia dar a entender? Se as duas interrogações fossem transformadas em afirmativas... Porquê virem buscá-lo? A nós só nos resta dizer que é mais uma página positiva ou negativa que foi passada para aqueles homens que não pretendem senão a paz e amam a verdadeira Caridade sem sofismas.

ESTRADA — Muitos dos Amigos que nos visitam para melhor nos conhecerem, dizem que o Calvário é aqui em Beire — Paredes. Mas começa para quem viagem faz, em qualquer meio de transporte, a cerca de 2 km de distância; isto para quem vier de Paredes e para aqui se dirige. Muito se tem falado na estrada! Até, em tempos, algo se tentou para que os numerosíssimos buracos fossem pura e simplesmente tapados. Não com o «alcatrão» amarelo... que põe as pessoas sufocadas, tal é a poeira!

Sabemos que isto é uma poeirada também. Mas o que queremos dizer é que já não bastariam tantos inconvenientes para peões e transportes..., porque até sacas de lixo eu já vi no meio do caminho! Será para atenuar as molas dos amortecedores dos carros e camionetas? Até quando?! Já conheço isto há um bom par de anos, sempre assim!...

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

OMISSÃO?! — O campo dos cristãos é tão vasto, tanto nos meios urbanos como particularmente nas zonas rurais!

Porque é que os homens de boa vontade — os Homens! — em todas as paróquias do País, onde haja vida, não descobrem o caminho dos Pobres!?

Na parte que nos toca, ao longo do ano, botámos a mão esporadicamente a gente de outras bandas, onde temos a certeza de que não falta quem. Falta, sim, despír o casaco, arregra-

çar as mangas, deixar talvez certos hobbies; e fazer render discretamente os dons de cada um — em benefício dos Outros.

Evidentemente, esta motivação necessita ser preparada maduramente no Altar, do Altar abaixo, onde o Mandamento Novo ainda seja bloqueado pela Antiga Lei. Dantes, talvez por inconveniente! E hoje? Por omissão?!

«Não podemos usar meias-tintas nos quadros da vida» — conforme a lição de Pai Américo. «Temos obrigação de chamar às coisas o nome que elas têm.»

Assim, para ser, a Igreja tem de ser preferencialmente dos Pobres. Todos! Eles devem ocupar o lugar a que têm direito no seio das comunidades pelo Mandamento do Amor que Se identifica com Jesus de Nazaré: «Tudo o que fizeres... é a Mim que o fazes.»

— Não tem lá, na sua terra, quem lhe bote a mão; quem lhe faça isto que é tão simples?!

— Não, meu senhor! Eles não querem saber dos Pobres...

Eles...!

Aqui está!

PARTILHA — Assinante 27506, dos lados do Estoril, com «uma migalha para as necessidades da Conferência»: 50\$00. O dobro da rua do Outeiro — Porto. E, ainda, do Porto, os 20\$00 habituais dos Amigos de D. António Barroso, ilustre Prelado que «trabalhou imenso pela grandeza da Pátria e pelo bem da Humanidade». Mais 50\$00 de Alice Pequena com 50\$00, pela mão do marido, em plena rua Boas melhoras. E apareça! Quatro vezes mais de «Uma Figueirense», com muita resignação cristã, argamassa dos Fortes. Médico muito amigo, d'algueres, com 100\$00 «para os Pobres». Há quantos anos! Presença de Mafra, muito regular; e uma delicadeza impressionante. Quando puder, volte a aparecer.

Lisboa:

«Estive tempos fora de Lisboa e comprei ontem novamente «O GAIATO» à porta da igreja onde costumava participar na Missa. Infelizmente, na igreja da minha paróquia nunca lá vi nenhum Gaiato, embora seja uma paróquia de maioria burguesa e até de grandes fortunas que suponho estarem todas para o estrangeiro depois do 25 de Abril, vendo os palacetes alugados ou encerrados.

Junto envio 1.000\$00 para substituir os 800\$00 que entregou ao pobre e infeliz doente trabalhador.

Quando acabarem as burocracias e anomalias da Providência?!...

Nova presença de «uma velha Assinante» de Estremoz, produto de «uma Amiga que se encontra bastante doente» pedindo «uma prece por ela». Quem nos ler, com os olhos da alma, participará também. É a Comunicação dos Santos — pecadores!

Um Tenente do nosso Exército pede a suspensão temporária da remessa de «O GAIATO» — «querido Jornal que vem há muitos anos parar às minhas mãos». E continua: «Circunstâncias várias a isso obrigam.

Mas, quando estiver estabelecido e instalado voltarei a escrever-vos pedindo a remessa do nosso «Famoso». De facto, durante muitos anos e sempre que o lia, sentia-me e sinto-me por um lado mais confortado e por outro mais pesaroso por não ser nunca tão generoso quanto devia. Para tanta necessidade que nos rodeia tão pouco contribuimos! Queridos Amigos, quero desejar-lhes as maiores venturas e o futuro sempre próspero para a Obra fundada pelo sempre lembrado Pai Américo e que tem sido uma luz nestas trevas que nos rodeiam. Junto um vale de 250\$00 para liquidação da dívida do Jornal. Se fosse possível gostaria que da verba fosse destacada a importância de 50\$00 para a Conferência de Paço de Sousa...»

O casal assinante 17022, de braço-dado, vai com 150\$00 «para a maior necessidade da Conferência». Uma Amiga da Praia da Granja, 20\$00. E fechamos com chave d'ouro:

«No Dia da Mãe, em troca de flores para a sepultura de minha Mãe, envio essa miçalhinha (100\$00) para a vossa Conferência. Os melhores cumprimentos de uma Assinante de Gaia.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

BANHOS — Começaram os banhos! Este ano, como sabem, temos pouca água; por isso não nos podemos dar ao luxo de frequentar todos os dias a tão deliciosa água da nossa piscina.

Para já, só tomamos banho ao Domingo.

Depois, se chover...

Deus queira que chova!

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA — «Falar da criança, é quase sempre acusar o adulto.»

Pois é o Dia Mundial da Criança!

A Criança é um ser frágil, que precisa de carinho, de amor, de compreensão, etc.

Não nos podemos esquecer que há por esse mundo fora Crianças que nunca foram à escola, que nunca sentiram o carinho dos pais, que nunca souberam o quanto é bom ter um lar onde possam estar aconchegadas, que não têm um bocadinho de pão (e quantas vezes nós estragamos?), etc.

«Falar da Criança é quase sempre acusar o adulto.»

Sim, porque os culpados do mal que acontece às Crianças são, sem dúvida nenhuma, os adultos que só pensam no bem-estar dos seus; os outros...

«Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» — esta frase tem andado muito deturpada.

A Criança é vítima da guerra. Nós, os adultos, fazemos a guerra e as Crianças é que têm que a combater quando crescerem.

Hoje em dia, as Crianças vão

crescendo e vão ficando cada vez mais traumatizadas com o que se passa no mundo de hoje. Isto são coisas de que todos nós somos culpados.

Vamos todos, unidos, construir um mundo onde a Criança possa viver em paz e amor.

PRAIAS — Todos nós estamos com vontade e aguardamos impacientemente as nossas férias na praia.

O ano transacto, não sei se os

obras acabar, mais depressa as outras casas ficarão prontas,

Que as obras terminem o mais rápido possível. Estou certo que esse é o desejo de todos nós.

A NOSSA EQUIPA — Esta, a nossa actual equipa de futebol. Uma equipa muito jovem. Vejam a gravura. Em pé, da direita para a esquerda: Álvaro, «Jaburú», Paulinho, «Coradinho», Mário e Tinoco. Em baixo e pela mesma ordem: Zé Manel,



Leitores se lembram, muitos dos nossos rapazes tiveram a ocasião de mostrar as suas habilidades no «Campismo», que fica logo ao lado de nossa Casa, em Azurara.

Fazemos votos para que este ano volte a acontecer o mesmo que o ano passado.

Obrigado aos campistas.

OBRAS — A casa 4, a casa dos mais pequenos, está em obras.

Estes, por sua vez, não podendo ficar na casa 4, foram para o antigo salão de ginástica.

A tarefa das obras cabe a todos nós, pois quanto mais depressa a

Maciél, Manel, Valente e Celso.

Todos eles, entre os 16 e os 19 anos, respectivamente.

Umaz vezes ganham, outras perdem; mas como nem sempre somos felizes...

Ultimamente temos tido bastantes jogos.

Há equipas que decerto estão interessadas em jogar connosco. Para isso é escreverem-nos em carta para: Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

Cá os esperamos com muito gosto. Obrigado!

«Marcelino»

O nosso Jornal

«Embora não me conheçais, eu já vos conheço desde a primeira hora, pois ouvi falar muitas vezes o Padre Américo.

Desde o princípio que compro o vosso Jornal, embora não seja assinante. Leio-o de ponta a ponta. É para mim um prazer espiritual e um conforto moral em tantas horas de tristeza.

Que Deus continue a ajudá-vos e nunca vos falte com o Seu amparo. Nas horas difíceis e de amargura é para Ele que temos de nos voltar. Às vezes quase perdemos a confiança,

mas a fé é inabalável e traz-nos de novo ao de cima.

Vós tendes sido para mim uma lição viva dessa fé e dessa esperança e por isso vos estou sempre agradecida. Nunca me esqueço de vós nas minhas orações. Pedi também por mim, pois tenho atravessado ultimamente horas muito amargas, mas graças a Deus que volto de novo os olhos para o Alto.

Gostaria de ir recebendo os vossos livros, um por mês, excepto aquele que não está mar-

Cont. na Quarta pág.

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Foi na mesa dos cicerones. «Bombeiro» era o chefe. Passámos casualmente e uma senhora (de Gaia?) interrompe-nos: — Veja! Destas assinaturas novas, alguns ainda são crianças.

«Bombeiro» ocupado no seu trabalho, parece que não deu fé. Mas a senhora, que não nos é estranha, tão satisfeita, repete com veemência: «Uma parte são crianças. Olhe!»

Sensibilizou-nos o gesto de amizade, o cuidado na elaboração das listas, a entrega antecipada dos valores correspondentes a cada assinatura («só faltam pagar 6»), a preocupação de que nada se extraviasse.

Esta colúna de gente nova vai na dianteira. São os homens de amanhã! Contados um por um, são 26 Assinantes de Ermesinde, Jovim, Candal, Coimbrões, Gaia, Recarei, Porto, Valadares, Madalena, Valbom, Oliveira do Douro, Vilar de Andorinho. Porto e periferia!

Há outras expressivas notas que não poderemos calar. A «luz debaixo do alqueire» não alumia; apaga-se.

Ouçam Rio Tinto:

«Junto um vale de 300\$00, sendo 200\$00 por alma de minha Mãe, falecida há dois meses, e 100\$00 para me inscreverem como assinante do vosso jornal.

É um jornal que eu leio des-

de sempre, mas nunca fui assinante. Há uns tempos para cá tenho tido dificuldade em arranjar-lo e, por vezes, fico sem ele, com muita pena. Por isso, resolvi ser assinante, o que me dá sempre a certeza de o ter para ler e dá-lo também às minhas filhas a ler, para que elas comecem a conhecer essa tão maravilhosa Obra. É favor, no caso de não chegar, me dizerem...»

De facto, muitos Leitores-avulso têm vindo e continuarão a vir até nós, a fim de não perderem a companhia do seu jornal; colmatando, assim, os naturais desencontros com os nossos Rapazes na Venda do Jornal.

Mais um, de Setúbal:

«Queira a partir de hoje considerar-me assinante de «O GAIATO», de que sou leitor assíduo. Quero ser assinante para receber todos os jornais, porque tem acontecido umas vezes por outras não conseguir alguns jornais...»

Tem-nos chamado a atenção a crescente penetração de «O GALATO» no seio da Família, das Famílias portuguesas. Muitos pais e mães, tios e avós — ou descendentes — estabelecem como que uma cadeia de leitura. Aonde haja um membro da Família, aí está, ou deve estar, «O GAIATO»!! Só mais um exemplo. Passa agora à nos-

se frente uma carta de Ovar:

«Um abraço de muita estima. Peço o favor de inscrever minha sobrinha como assinante de «O GAIATO». Peço o favor de enviar-lhe já o último editado e que hoje recebi pelo correio.»

E que dizer dos Refugiados que, apesar de nem sempre estarem já com a cruz da sua vida em ordem, jamais esquecem «O GAIATO»!

Avô:

«Remeto 500\$00 para a minha assinatura de «O GAIATO», remetido para Moçambique, de onde há pouco regressel, deixando lá tudo o que possuía — mas não me esqueci deste compromisso que agora venho cumprir...»

Pinheiro de Loures:

«Ontem, quando cheguei a casa, depois de um dia de trabalho, tinha-vos lá à minha espera através do nosso jornal. Realmente fui muito descuidado, pois já há tempos que me encontro em Portugal e ainda

me não tinha dado ao cuidado de informar a minha direcção, mas alguém se interessou por isso e fez-me acordar.

Não sei há quanto tempo deixei de receber o jornal e também não sei há quanto tempo já não pago. Agradeço-me informem para regularizar o débito.

(...) Um abraço muito amigo e que o Senhor esteja sempre com todos.»

Deixámos para o fim algumas presenças revelando o interesse de muitos Leitores que não guardam «O GAIATO» só para si, ou para os seus. Saltam para a rua!

Alcanede:

«Dado que o nosso «Famoso» não era aqui conhecido e quase desconhecida a nossa Obra, tomei a iniciativa de angariar algumas assinaturas, o que tenho conseguido sem grandes esforços dada a forma carinhosa como fomos recebidos...»

Lisboa:

«O vosso número de 10 deste mês vem de tal forma «recheado» que desejo dele fazer propaganda. Aquela «Voz da Ju-

ventude» é um grito d'alma que estou convencida encontrará eco em muitos jovens como Isabel.

(...) Venho pedir que me enviem mais quatro números de 10/4 e que aceitem mais uma assinatura anual.»

Agora, o resultado de uma sementeira. É Braga:

«Como sou uma das muitas admiradoras da vossa Obra e costumo ler «O GAIATO» dumas amigas, peço para fazerem uma assinatura em meu nome. Grata por tudo...»

Além das terras já indicadas, recebemos mais Assinantes novos de Ovar, Barreiro, Albergaria dos Doze, Aveiro, Coimbra, Penacova, Central de Vila Nova (Braga), Figueira da Foz, Leça da Palmeira, Carvalhos (Gaia), Vila Boa de Quires, Aradas (Aveiro), Verdemilho, Aveiro, Santo Amaro de Oeiras, Rio Tinto, S. Martinho de Campo (Santo Tirso) e Frietas (Loures). Porto e Lisboa sempre bem representadas! Do estrangeiro, Pretória (África do Sul) e S. Paulo (Brasil).

Júlio Mendes

Boa notícia

«Entrou em vigor o decreto-lei conjunto dos Ministérios da Administração Interna e dos Assuntos Sociais, publicado recentemente no «Diário da República», que extingue os Serviços de Repressão à Mendicidade, passando este departamento do Estado a responsabilizar-se pelo apoio aos Indigentes.

Aqueles Serviços, centralizados pela P. S. P., têm ainda a seu cargo três mil Indigentes alojados em Albergues, o maior dos quais é o da Mitra, em Lisboa, e visavam resolver a questão da mendicidade através da repressão policial. Este, é, aliás, um dos aspectos a que alude o preâmbulo do diploma, que salienta:

«O acolhimento de pessoas em situação de carência social é uma função que deve caber ao sector da segurança social.» Considera, no entanto, que o acolhimento se deve processar numa «óptica de recuperação», adiantando que a resposta a dar ao problema da mendicidade assenta na tomada de medidas preventivas, por um lado, e na educação e consciencialização das populações acerca do problema, por outro.

Os Albergues de Mendicidade serão transferidos, no prazo de seis meses, para o Ministério dos Assuntos Sociais e o pessoal da P.S.P. que presta serviço naqueles estabelecimentos será substituído por funcionários do M. A. S. Relativamente ao Albergue da Mitra, o prazo concedido para a transferência é de um ano.»

Alegra-nos esta notícia. Tanto mais quanto tivemos de enfrentar, duas vezes pelo menos, uma ideia fixa de sentido inverso, de sua natureza destinada a abortar. E abortou.

Julgamos que o problema da Indigência está muito melhor integrado num Ministério de Assuntos Sociais; e, embora neste falem quadros, em número e em qualidade, para assumirem a gama imensa de problemas que se lhe põem, é mais lógico que a prevenção da mendicidade e a sua terapêutica lhe estejam confiados. Naturalmente, é de esperar mais preparação e mais humanidade destes quadros, mesmo

deficientes, do que da Polícia, cujas funções de segurança e de ordem, só instrumentalmente podem ser chamadas a colaborar neste tão premente serviço social.

No entanto, ao longo destes anos, quantas presenças admiráveis de humanidade e de dedicação nós tivemos ocasião de testemunhar, da parte de elementos da P. S. P. ao serviço dos Albergues de Mendicidade! Sobretudo no Porto, em cuja região vivemos há tantos anos!

É a hora, pois, de prestar a nossa homenagem ao Senhor Tenente Rangel e a muitos agentes das suas equipas de

trabalho, com quem contactámos e colaborámos inúmeras vezes.

Que profundo sentido do Homem caído nas margens dos caminhos da sociedade dita são, que passa por ele sem dar fé ou sem cuidar da obrigação de se debruçar sobre ele, como quereria lhe fizessem em condições semelhantes! Pois esse respeito pelo Homem escondido no marginal, qualquer que seja a causa da marginalidade, esse espírito de «bom samaritano», o encontramos em pleno no Senhor Tenente Rangel, que agora irá descansar legitimamente do desgaste produzido pela comunhão de tantas angústias, pelo esforço de resolução, com meios tão reduzidos, de tantas misérias.

Bem haja ele, pelo bem que fez, pelas lições que nos deu, pelas oportunidades que partilhou connosco e, certamente, com tantos mais que consagraram a sua vida aos Outros, sobretudo «os mais caídos e abandonados»!

Que a Sociedade, irreflectida ou indiferente, lhe não tenha reconhecido o mérito e galardoado os serviços, pouco importa! Na folha onde Deus os inscreve, não faltarão títulos para o «vem, bendito de Meu Pai, porque tive fome e sede e frio e doença e esquecimento dos Outros e até o desprezo deles — e tu Me socorrestes».

Nesta hora de vésperas da sua despedida do activo, aqui lhe confessamos o nosso respeito e gratidão.

Padre Carlos

Dia Mundial da Criança

Cont. da PRIMEIRA pág.

antes de mais, cumprir os deveres inerentes, por um diálogo permanente e a tempo inteiro, por uma «comunicação entre a Criança e a sociedade adulta», no culto da palavra e na prática do exemplo, sendo certo que educar é formar, na liberdade e para a autonomia, os futuros adultos, com activa participação dos educandos, «dando lugar à criatividade e fantasia inventiva, mas sem individualismo autocentrista, sem competições insolidárias, sem vedetismos deformantes». (B.P.) Isto tudo, porque, como escreveu Pai Américo, «a Criança ama a Justiça e quer a Verdade».

As Crianças de hoje serão os adultos de amanhã. Importa, pois, se estamos interessados, sem evasivas ou sofismas, num Mundo mais fraterno e justo, transmitir aos vindouros, em princípios e em actos, os elementos indispensáveis que hão-de servir de base à elaboração de novas e mais justas estruturas sociais. Nada se constrói no vácuo e a vida não é uma função descontínua. Os que chegam recebem o facho ou testemunho dos que estão. Tomar conta do que é viver e estar no Universo obriga a

transmitir a consciência da própria dignidade, do sentido da solidariedade que a todos obriga e diz respeito; envolve um empenhamento sério e continuado na construção, nunca terminada, dum mundo mais feliz e humano. Isto tudo, claro está, se temos uma recta visão cristã das coisas e do Mundo, supõe os valores libertadores da Boa Nova e exige o conhecimento dos horizontes transcendentes do Homem, criado à imagem e semelhança de Deus. Daí que, para os educadores ou pais cristãos, na formação do homem integral, seja grave dever o propor pelo exemplo, que não só pela palavra, a doutrina do Mestre, pois, ainda com Pai Américo: «a educação religiosa não se discute; ela é fonte de Vida».

Ao fim das estas despedidas considerações fazemos votos para que o sentido das responsabilidades se avive em todos nós e saibamos assumi-las no quotidiano. Ajudar a fazer das Crianças futuros Homens é tarefa ingente e nobre a que não nos podemos eximir. O contrário seria injustiça e demissão. E na voz do Poeta, não esqueçamos: «grande é a poesia, a bondade e as danças... mas o melhor do mundo são as crianças».

ESCOLA

Infelizmente a tensão aumenta na Escola em Portugal. As dúvidas aqui desabafadas uma quinzena atrás avolumam-se. Como irá findar este sempre tão turbado ano lectivo?

Se entre todos os campos de fomento de um futuro melhor o da Educação ocupa um lugar primeiro, grande tarefa pesará sobre os Responsáveis deste pelouro. Oxalá as forças de todos os mais directamente interessados e comprometidos na função escolar — alunos, professores, pais e encarregados de educação — se unam às do próximo Ministério, para que se renovem condições de estudo a sério e um clima de exigência tal que quem não estude não fique sobrecarregando a instituição escolar e a economia do Povo que a sustenta.

Pensamos — e assim procedemos — que quem, acima da escolaridade obrigatória, não atinge níveis decentes, que não apenas tangenciais, é porque não pode ou não quer. Se não pode, pois que se encaminhe para outras formas de trabalho adequadas à capacidade intelectual e às tendências manifestadas ou descobertas por testes de orientação profissional. Se não quer... — dignificar-se-á a Escola e a sociedade na manutenção de estudantes-para-passar-o-tempo?!

«Da discussão sai a luz.» Tanta tem havido e cada vez se adensam mais as trevas! Pois que não seja assim doravante. Escola e Família têm de se encontrar e de acertar critérios, sem o que o diálogo com os estudantes não deixará de reflectir as vacilações dos adul-

tos — e não levará a nenhures. Neste desejo de achega, queria tocar hoje dois pontos que sentimos na carne: a alfabetização de adultos e de jovens que ultrapassaram a idade escolar; e o acréscimo de possibilidades aos que trabalham para a continuação de estudos.

Parto da experiência imediata: Dos nossos trabalhadores agrícolas, seis homens e duas mulheres e todos na força da vida; apenas um sabe ler e escrever um pouquinho, sem qualquer exame. Quantos por aí em volta no mesmo estado!

Entre os nossos Rapazes, uns por deficiência própria, outros pelas circunstâncias sociais de que provêm, são bastantes os que ultrapassaram a idade escolar sem terem atingido nenhuma meta.

No presente ano lectivo, nas nossas Escolas Primárias, as idades médias eram as seguintes:

tes: na 1.ª classe, 8,83 anos; na 2.ª, 11,07 anos; na 3.ª, 12,00 anos; na 4.ª, 13,00 anos.

Para vários deles a Escola representa um grande peso e um atraso de vida — para não falar do grande peso que eles são para a Escola.

Cursos nocturnos para adultos que não podem dispensar o ganha-pão durante o dia e para jovens em atraso, que preparariam concomitantemente o seu futuro profissional — eis o remédio conveniente a esta situação marginalizante. Mas que é deles? Quem os promove? Quem os paga? Quem fomenta a sua frequência? Ou acreditará alguém, que não seja supinamente ingénuo ou secundariamente intencionado, na cura sistemática desta chaga social que é o analfabetismo, mediante campanhas de dinamização alicerçadas em areia movediça?!

Cursos nocturnos organizados, disseminados por essa Província em fora, regidos por professores capazes — e nesta capacidade incluo uma grande dedicação, pronta a superar as dificuldades específicas de tais cursos.

Para a prossecução de estudos, agora que em muitas sedes de concelho há Escolas Secundárias e já aulas nocturnas ou possibilidade de as organizar, o grande óbice é a dificuldade de transporte. Falo ainda da nossa experiência e após diligências junto do IASE e de uma Empresa de camionagem a fim de uma carreira que fosse por essas freguesias recolhendo alunos e os levasse até Penafiel e os trouxesse no fim das aulas. Claro que uma tal carreira é economicamente inviável; só subsidiada!

Até agora nada se conseguiu — é pena! Não há dinheiro — sabe-se. Mas ainda assim, gasta-se tanto tão mal gasto...!

Não será que das experiências sueca ou jugoslava nos chegue qualquer solução?...

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA pág.

— Parece incrível que sem propaganda nem nada a falar, excepto a Rádio Renascença, se tivesse um êxito de enchente assim. Casa esgotada e muitos e muitos Amigos de pé.

É fantástico; é maravilhoso; é o Amor.

Padre Abraão

Padre Carlos

Quarta edição do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES»

Os nossos tipógrafos já acabaram a impressão do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES» — 4.ª edição! E o Carlitos entregou as folhas na encadernação, para ultimar a obra.

A capa do livro é um trabalho de equipa. Expressivo. Sugestivo. O grupo aventou a hipótese de ficar assinalada a autoria da montagem, na badana.

— É costume...
— Ó Rapazes, deixemo-nos de peneiras!

Olharam uns prós outros, em silêncio. Compreenderam. Não vai a legenda; mas, da capa ao corpo da obra, aplicámos o melhor de todos nós. E quem dá o que tem...

O «PÃO DOS POBRES» sensibiliza-nos, por ser «o primeiro amor» de Pai Américo. «Não há amor como o primeiro»!

Recordámo-lo vivamente do princípio ao fim. Aqui e ali — porque não somos pedra — a saudade afluorou com mais intensidade. É a oportunidade do livro, também. Lembrámos, inclusivé, a desconsertante pergunta que Pai Américo formulou repetidas vezes: — «Ó Júlio, fui eu que escrevi isto?!» Mutatis mutandis como o Apóstolo dos Gentios na afirmativa: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim!» Ficou expresso para os homens de boa vontade de todas as gerações.

Não vamos prometer a remessa imediata do «PÃO DOS POBRES». Mas por todo o Verão, com certeza. Este lançamento traz-nos, ainda, uma obrigação delicada, delicadíssima, a que não nos podemos escusar: separar, no ficheiro, todos quantos supomos terem já a 3.ª edição,

de 1958. Só receberão a quarta se a pedirem. Muitos farão assim. E, desta forma, supriremos justificáveis deficiências que vêm do primitivo ficheiro da Editorial, improvisada com muito amor. Tanto, que muitos Assinantes da primeira hora continuam com a mesma sofreguidão!

Mais: para evitarmos duplicação de encomendas — tem acontecido — só enviaremos os postais RSF, dentro de «O GAIATO», após a expedição completa do livro pelos Assinantes. No entanto, os Leitores que não sejam Assinantes poderão já fazer a requisição do «PÃO DOS POBRES», por carta ou postal. Assim, na hora própria, o carteiro será portador do seu «livro-de-horas» — na afirmação de Pai Américo.

Júlio Mendes

LOURENÇO MARQUES



O trabalho era a «base de vida» da Casa do Gaiato de Lourenço Marques.

Cont. da PRIMEIRA pág.

preender a nossa situação e já aqui nos fizeram chegar as suas desculpas.

Isto tudo é causa de um acréscimo de dor e saudade por quantos ali deixámos, pelos que trabalharam connosco e mesmo por aqueles que de nós só receberam. O que fazíamos em Moçambique e o muito que era preciso fazer a bem do Povo, apaixonava aqueles que para isso trabalhavam.

Só a partir das estruturas

cimeiras se verificou uma aversão fanática pelo branco e indiscriminadamente por todas as estruturas que ele criou. Sempre pensei que essa atitude era teleguiada; os seus agentes são manipulados por uma ideologia internacionalista que não são capazes de assimilar, mesmo que à pressa.

Aquela palavra que me disseram de precisar de mim só o confirma, pela boa intenção de quem a proferiu.

Padre José Maria

O nosso Jornal

Cont. da SEGUNDA pág.

cado com a cruz, pois já o tenho. Mando-vos um vale de (...) escudos; é pouco, bem sei, mas é já com bastante sacrifício e Deus fará sempre a multiplicação dos pães. Gostaria que metade desta quantia fosse para uma primeira urgência dos vossos Pobres. Quando puder seguirá mais uma migalha. Quero ficar no vosso jornal como anónima e não quero que aqui à minha volta alguém saiba a quantia que vos mandei, pois foi amealhada às escondidas, já que nem todos compreendem estas coisas e isso poderia trazer graves contrariedades à minha vida familiar.

Que Deus vos abençoe, padres e gaiatos. As vezes é mais difícil viver a fé às escondidas do que poder manifestá-la. Refiro-me à fé viva e generosa, ao trabalhar para alargar o Reino de Deus e não à fé que se resume a ir à Missa ao domingo; mas cada um no seu posto e segundo as suas possibilidades, até mesmo de saúde, iremos alargando este Reino e viver uma vida que valha a pena ser vivida. Quando mais nada se possa fazer, que haja ao menos uma palavra, um gesto, ou um sorriso que possa fazer algum bem; e diante de Deus que haja a aceitação duma vida apagada. Somos fracos, mas de alma grande.»



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa